O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 43.º — N.º 2170

Sábado, 11 de Novembro de 1950

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

UMA LIÇÃO POLÍTICA

—o—

Segundo as notícias que têm circulado, Getúlio Vargas conseguiu nas ultimas eleições para a presidência da República do Brasil, uma votação excepcional, que causou surpresa e ultrapassou todos os prognósticos concebidos.

Nem êle e os seus partidários, nem os outros adversários eleitorais, calcularam ou previram o considerável montante da vitória.

O acto decorreu com toda a regularidade, dentro da maior ordem, legalidade e liberdade, resultando, mesmo, pela sua forma exemplar, uma manifestação de admirável civismo, que só pode dignificar a nação irmã, que é o Brasil e o seu povo, que revelou nesta emergência política elevada consciência patriótica.

Habituado à tradição de quem retem o poder é quem ganha ou predomina nos actos eleitorais, desta vez verificou-se exactamente o contrário, mantendo o próprio govêrno uma imparcialidade digna de louvor.

A nação foi às urnas e escolheu livremente, obedecendo unicamente aos ditames da sua consciência política, patriótica e nacional.

E o eleitorado, numa hora alta de fé, de confiança e de patriotismo nos destinos da sua laboriosa e progressiva nação, manifestou-se em esmagadora maioria a favor de Getúlio Vargas—o chefe político que lhe pareceu conjugar melhores condições, na actual oportunidade, para governar o Brasil e solucionar os complexos problemas da sua pátria e do Estado.

Getúlio Vargas, que governou o Brasil ainda há pouco tempo, e se não erramos, durante duas ou três legislaturas, numa situação ditatorial, foi derrubado por um golpe de Estado militar.

Os pronunciamentos militares e as surpresas partidárias são frequentes na política do Brasil e, por essas contingências e imprevistos, que são sempre possíveis, é precário e arrojado prever a evolução dos acontecimentos e, por conseguinte, o futuro resultante do inabalável triunfo da candidatura de Getúlio Vargas e dos êxitos ou dos insucessos que poderão assinalar o seu comando na direcção do Estado.

Getúlio Vargas é uma personalidade de inteligência viva e brilhante, de vontade enérgica e decidida, e com um pensamento político completamente actualizado na linha do espírito reformador exigido pelo nosso tempo.

É um homem político experimentado, que conhece profundamente a política brasileira e está bem informado das aspirações e dos interesses fundamentais do seu país.

Já governou e sentiu tanto a glória reconfortante dos triunfos, como o travo ácido das vicissitudes naturais da vida política, podendo, por essa razão, com prudência, sabedoria e socorrido pelos ensinamentos da experiência, evitar êrros e deslizes se porventura os houve.

Reúne, portanto, um complexo de qualidades que lhe permitirão, talvez, governar a nação a contento de todos, ou pelo menos, da sua grande maioria.

Os votos em cheio do eleitorado, que são, sem dúvida, uma indicação preciosa, assim o dão a entender e assim o desejam e querem.

O seu regresso às funções superiores da presidência da República, confirma implicitamente que o seu anterior govêrno ditatorial não foi destituído de benefícios e de qualificados serviços, que agora são, publicamente, reconhecidos com a lealdade e a confiança de novo outorgadas para dirigir a nação.

Esta reviravolta política encerra no âmago, uma eloquente e elucidativa lição, que não será despiciendo focar e iluminar.

Lição não só para o Brasil, como para a actualidade política que o Mundo contemporâneo respira e vive, inquieta e ansiosamente.

Um dos aspectos importantes do antecessor govêrno ditatorial de Getúlio Vargas e que lhe proporcionou simpatias e aplausos e que deu personalidade à sua política, foi a promulgação duma legislação social e de medidas de protecção e de benefícios de vária ordem, em proveito das classes trabalhadoras e menos abastadas.

Esta política de reforma e de justiça social, oportuníssima e indispensável na nossa época, e que é a feição dominante e irresistível do nosso século e que há-de inevitávelmente continuar até se atingir um certo equilíbrio, harmonia e perfeição entre a produção e a distribuição da riqueza e dos valores económicos, não foi esquecida nem de longe apagada.

Até após a sua saída do govêrno, tomou vulto e projecção o imperativo inadiável de continuar essa política social.

Por outro lado, Getúlio Vargas, na sua campanha eleitoral apresentou um programa de govêrno de vastas realizações de justiça social, escolhendo para figurino e modelo da sua futura política, as directrizes doutrinárias e socialistas do trabalhismo britânico.

É essa face típica da sua política reformadora de sentido social que lhe grangeou, neste momento, os numerosos votos, as simpatias, a esperança e a confiança do eleitorado brasileiro.

As indicações espontâneas e as aspirações livremente exteriorizadas pela consciência política das massas populares da nação brasileira, dizem claramente o que querem e delinearam com nitidez a política que ambicionam ver realizada.

A lição de todo êste movimento político, que tem por fulcro a individualidade de Getúlio Vargas, ressalta luminosa e edificante e caracteriza soberanamente o tempo em que vivemos.

Os grandes e obsecantes problemas quer para o Brasil, quer para a Europa, quer para todo o Mundo, são os problemas sociais, são as realizações de natureza económica e de justiça social.

A política hoje é isto e tem de ser realizada com uma determinada profundidade, quer dizer, empreendendo reformas de estrutura, ou então não é nada ou é pouco e só desperta incompreensões, desinteresses, desilusões e descontentes.

Para o homem actual, e quem diz o homem evoca a família, a preocupação fundamental, que é imposta pelas próprias durezas das condições de vida, é ter trabalho, alcançar um nível de vida social compatível com as necessidades a satisfazer, poder instruir-se e educar-se e obter protecção e assistência eficaz na doença, na invalidez e na velhice.

Os govêrnos, os estadistas e os povos, não têm hoje, em questões de política, muito por onde escolher.

Ou põem o problema social no primeiro plano das realizações humanas e triunfam, ou então, não o fazendo, arriscam-se a sossobrar lamentávelmente.

Houve tempo em que interessavam as formas de govêrno, quer republicanas, quer monárquicas, ou a mecânica dos partidos, ou as prestigitações do sufrágio eleitoral.

Hoje só um valor positivo verdadeiramente interessa, inquieta e fascina o homem e a família: são as realizações de justiça social, que lhe permitam viver decentemente e num ambiente de relativa felicidade, bem-estar e prosperidade.

O resto, para as massas populares dominadas pelo flagelo da necessidade, é cinza, nada e bolas azuladas de sabão desfeitas no ar...

J. CARREIRA

P. S.—Do último artigo rectifica-se: uma função histórica, ciclónicas, a sua índole lúcida, por, uma altíssima função histórica, ciclópicas, a sua inteligência lúcida.

J. C.

Revisão de provas

Depois da administração, talvez que os serviços mais delicados que o jornal tem seja o da revisão. Pelo menos para nós é assim; chega a aborrecer, sobre tudo em certas marés... Um exemplo: a semana passada. Escrevemos a notícia sobre a condenação da *eutanásia*. Pois quer no título, quer no seguimento dela apareceu *atanásia*, que é uma planta corimbosa e portanto com significado diferente—completamente diferente — daquele que tivemos em vista focar e nada tem com a botânica.

Coisas que só acontecem a quem tem de dividir a atenção por vários assuntos.

Cortejo de oferendas

Realiza-se, como anda anunciado, em benefício do Hospital da Misericórdia, no dia 19 do corrente.

Assistirá o sr. ministro do Interior.

Energia electrica

Começaram na terça-feira as restrições em Aveiro e noutras localidades fornecidas pelo Lindoso.

Até quando?

Fazem tanta falta as chuvas do Inverno!

O DEMOCATA vende-se -se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

De vez enquando

A Companhia do Teatro de D. Maria II, de Lisboa, veio dar dois espectáculos no *Aveirense* em benefício da Santa Casa da Misericórdia desta cidade, que ali acorreu, como lhe cumpria, em massa, ocupando todos os lugares. Representou a peça de Júlio Dantas, *Outono em Flor*, na primeira noite, e *O Leque de Lady Windermere*, na segunda, com geral aplauso da assistência, que distinguiu os principais intérpretes, palmeando-os calorosamente.

No domingo houve ainda um terceiro espectáculo, subindo à cena a peça original do dr. Ramada Curto, *As Meninas da Fonte da Bica*, que igualmente agradou em cheio.

Sim, senhor. O teatro reabilitou-se entre nós e o público correspondeu, indo ver uma Companhia categorizada, que o satisfez plenamente.

A Direcção do *Aveirense* merece encómios. E se me fôr permitido peço *bis*, pois me agradou sobremaneira o original de Ramada Curto, o tema por ele desenvolvido e a forma como foi representado, posto em cêna com todos os matadores...

Regalei-me.

Foram três grandes espectáculos a marcar uma época que não está tão decadente como para aí se apregoa.

JOÃO DO CAIS

Acontecimento artístico

E' já depois de amanhã, segunda-feira, que no *Aveirense* se apresenta, sob a competente direcção do insigne maestro J. Barbirolli, a Orquestra Sinfónica Hallé, de Manchester, sendo aguardada com o máximo interesse pelos apreciadores de boa música, ligados ao Círculo de Cultura.

O primeiro concerto da época abre, assim, com chave de ouro.

Novos assinantes

Por via aérea recebemos esta semana uma carta dos aveirenses Augusto Mário Marques Mano Guimarães e Ernesto Mendes Leal, residentes em Lourenço Marques, que ao inscreverem-se, espontâneamente, como assinantes de *O Democrata*, nos saudam e aos *Galitos* pela sua vitória alcançada nas regatas de rêmo, em Itália, e enviam dois cheques de 100$00 cada um, reservando deles para os pobres 40, que vão entrar no respectivo mealheiro para a futura distribuição, pelo Natal.

Agradecendo-lhes, reconhecidos, as amabilidades com que nos distinguem, daqui desejamos, também, a ambos, boa saúde e que a Providência os proteja para que um dia possam regressar, felizes, à terra onde nasceram e de que tão saudosos se mostram.

O TEMPO

Toldou-se novamente esta semana, caindo alguma chuva. Foi, porém pouca para as necessidades existentes.

Silva Porto

Passando hoje o centenário do nascimento do consagrado pintor, é inaugurado um busto no Jardim de S. Lazaro, na terra onde viu a luz do dia.

Justo.

Atenção para a 4.ª página

Perigo constante

Num dos passeios que pela cidade se encontram e cujo lancil foi cortado para dar passagem a càrros, carrêtas e carroças, transformando-se, assim, em autenticas ratoeiras, caíu esta semana a esposa do sr. Arnaldo Vasconcelos, que ficou muito magoada, tendo sido conduzida a Eixo onde o médico especialisado em entorses, luxações e deslocamento dos ossos, dr. Sizenando Cunha, a tratou antes de recolher à cama.

Claro que nós só registamos o acontecido, lamentando, todavia, que a indiferença dos responsáveis seja tanta pelo perigo que correm os habitantes desta malfadada terra ao saírem de casa.

O fim da guerra

Foi há 32 anos que teve lugar o armistício que poz termo à primeira grande guerra.

E' uma data inesquecivel.

S. Martinho

Os beberrões festejam-no hoje e amanhã nas tabernas onde se costumam reunir.

Fazemos votos por que não se excedam em entusiasmos...

Bernard Shaw

—o—

Vítima duma queda, que lhe fracturou o femur quando se entretinha no jardim da sua residência, morreu a semana passada, com 94 anos, o maior dramaturgo britânico da actualidade, e que, tendo-se revelado, em moço, um péssimo estudante, conseguiu elevar-se por si, deixando nome em todo o Mundo. Foi jornalista e os seus escritos eram impregnados de mordacidade tão contundente, que as pombas brancas fugiam quase sempre feridas de asa, aos primeiros tiros que lhes disparava.

Antigo revolucionário, extinguiu-se enriquecido de honras e de dinheiro. O seu bom humor era proverbial e à medida que avançava em anos as suas obras dramáticas tornavam-se mais provocadoras, quem sabe se devido à ironia brilhante e às qualidades que lhe adornaram a vida inteira?

A sua independência era notória, não tinha preconceitos, motivo que o colocará, decerto, entre os escritores imortais.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

ABUSOS DO MANDO

Fazendo parte dum dos muitos problemas de educação que se torna necessário intensificar no nosso país, o *Diário de Coimbra*, pela pena do seu colaborador, José Francisco Pereira, diz e nós reproduzimos por estarmos de pleno acordo:

A experiencia, mestra infalível da vida, atesta que os homens, regra geral, manifestam sempre uma grande tendencia para mandar. Hipòcritamente, quase todos afirmam que detestam o mando e que vale muito mais obedecer. Mas a experiência, que vale muito mais, na linha recta da verdade, do que todos os discursos que se têm proferido e do que todos os tratados filosóficos, sociais e políticos que se têm escrito, diz-nos que o mando foi sempre a maior ambição dos homens. As excepções, se algumas há, só servem para consolidar e corresponder e corroborar a generalidade de tão nefasto fenómeno psicológico.

A colossal escada, que dá acesso ao mando, está sempre a vergar com o peso das inumeras pessoas que por ela querem subir. Se um homem, muito a custo, consegue pôr os pés no primeiro degrau da escada, logo emprega todos os meios ao seu alcance para trepar ao segundo lanço. Encarrapitado neste, procura ascender ao terceiro, e assim sucessivamente.

Enquanto não consegue ter acesso ao degrau imediàtamente superior, imagina-se já empoleirado nele e procede, ampliando atribuições, como se mais um passo para cima, na gigantesca escada, fosse já um facto consumado.

Desta funestíssima psicose, que é hereditária e tão velha como a Humanidade, pois teve a sua origem em Adão e Eva, resulta, incontestàvelmente, o abuso do mando.

E quanto mais baixo é o degrau ocupado na escada, maior é a ansia de subir, e, por conseguinte, é também maior o abuso do mando. Deste fenómeno psicológico nasceu um anexim que faz parte da filosofia que usa os estribos da experiência: — *São piores os cabos do que os sargentos e piores os sargentos do que os oficiais.*

Suponho que todos os meus prezados leitores conhecem o citado rifão, que muito se coaduna com a doutrina deste pobre artigo.

A tendência do homem para mandar é evidente, inquestionável. Tão acentuada e activa ela é, que o maior prazer que o professor pode dar a um aluno é encarregá-lo de dirigir uma turma ou um grupo de condiscípulos. A vaidade do mando transparece no rosto do monitor.

Atento o que fica dito e irrefragàvelmente comprovado, entendo que um professor deve evitar, tanto quanto possível, ter monitores na sua escola. Doutro modo, contribuirá, lamentàvelmente, para agravar e desenvolver, em alguns dos seus discípulos, a psicose atávica do mando.

Qual é a missão do educador? Corrigir os defeitos e aperfeiçoar as virtudes dos seus discípulos. E ninguém de bom senso ousará afirmar que a psicose do mando é uma virtude.

E' necessário haver quem mande — objectar-me-ão.

Sim, não o contesto. Exige-o a disciplina social, por é absolutamente indispensável a qual-

Efeméride

Faz hoje 35 anos que morreu no Porto onde nascera a 30 de Novembro de 1875 o notável publicista José Pereira Sampaio (Bruno) *que foi uma figura de inconfundível relevo no mundo das letras, devido à sua fecundia inteligência e ao seu prodigioso talento, que produziu obras de muito merecimento e de invulgar grandeza.*

Filosofo e educador, todo consagrado à sociologia, dedicou-se também desde muito novo ao jornalismo, tendo fundado O Vampiro *e o* Diário da Tarde, *onde deixou preciosos artigos, assim como noutros jornais da época, especialmente na* Voz Pública *de que era colaborador assíduo.*

Sampaio Bruno, que possuia um espírito acentuadamente liberal, contribuiu muito para a dispersão dos princípios republicanos no nosso país, pois além de ser um elemento de valor e de prestígio, os seus escritos tinham o condão de criar novos prosélitos que iam engrossando as fileiras dos que estavam empenhados na mudança das instituições.

Tendo tomado parte na revolução de 31 de Janeiro de 1891 foi forçado a exilar-se em Espanha, onde redigiu o célebre Manifesto dos Emigrados, *que teve larga repercussão nesse tempo e de que ainda hoje se fala para se aquilatar das intensões dos que nessa manhã fria e nevoenta tentaram derrubar a monarquia.*

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as sr.as D. Maria José da Silva Dias Figueiredo e D. Maria Ermelinda de Melo Picado Osório, esposas, respectivamente, dos srs. Jaime Figueiredo e dr. Augusto de Mendonça Sá Osório, residentes na Foz do Douro, e Carlos Júlio Ferreira, filho da sr.ª D. Rosa Ferreira; no dia 14, a sr.ª D. Auzenda Testa; em 15, o sr. capitão Gumerzindo da Silva, comandante da Companhia da Guarda N. Republicana, e a esposa do sr. João Santos, sócio-gerente da Auto Comercial de Aveiro, L.da; *em 16, os srs. João Mota, Alberto de Oliveira Carvalho e eng. Domingos Mateus de Lima, actualmente na capital; o estudante João António Fernandes, filho do sr. tenente Diamantino Fernandes, comandante da Secção da Guarda N. Republicana da Louzã, e a menina Maria Eneida Lopes Brites, filha do sr. João Baptista do Amaral Brites, 1.º sargento de Infantaria 10, e em 16, a sr.ª D. Clotilde Correia e Silva, esposa do sr. tenente Natividade e Silva, e o nosso amigo eng. Adelino Soares Leite, de S. Nicolau (Braga).*

Partidas e Chegadas

Voltou no domingo a Aveiro para matar saudades e visitar os amigos, o major Alfredo de Brito, sub-inspector dos S. A. M. a quem nos foi grato abraçar.

—Também aqui esteve o sr. Virgílio de Oliveira, das Caves do Barrocão.

—Já se encontra em Ovar, no exercício das suas funções, o novo juiz de Direito naquela comarca, sr. dr. Carlos Vilas Boas do Vale, nosso ilustre conterrâneo.

—De Bragança voltou para a Louzã, o sr. José João Branco Gonçalves, tesoureiro da Câmara daquele concelho.

Pelos Correios

—o—

Dos serviços de Imprensa do Secretariado Nacional da Informação recebemos, no domingo, o seguinte comunicado:

O jornal *O Democrata*, de Aveiro, numa local do seu número de 2 de Setembro findo, reclama contra a aglomeração de público que se verifica a certas horas na estação dos CTT daquela cidade, ocasionando, por vezes, que a entrega da correspondência registada se faça com atraso.

Informa-nos, a propósito, a Administração Geral dos CTT de que a reclamação é improcedente.

De facto, além de não existir qualquer relação entre o serviço dos postigos e a entrega domiciliária das correspondências registadas, a dotação da estação em causa encontra-se estabelecida de forma a satisfazer as necessidades do tráfego.

Se se verificou demora na distribuição de alguma correspondência, trata-se dum caso inteiramente esporádico.

28 de Outubro de 1950.

HENRIQUE PEREIRA
Administrador Adjunto

Quanto à correspondência registada, pode estar certo; mas sobre o que se passa devido à exiguidade de pessoal que atenda o público, servindo-o a tempo e horas, é que pedimos licença para discordarmos em vista do que presenceamos frequentes vezes.

Viana—Aveiro

Numa vitrine da *Chapelaria Odeon* encontra-se exposta uma colecção de fotografias sobre a última visita que nos fizeram os vianenses em 1 de Agosto de 1937.

Algumas são muito curiosas.

Falta de espaço

Neste número tiveram de ficar alguns originais de remissa, como tem acontecido a outros.

Consequências do jornal não ser elástico...

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

No Teatro Aveirense

—o—

Num dos intervalos da representação da peça *O Leque de Lady Windermere*, que aqui foi levado à cena no último sábado e a que noutro lugar nos referimos, foi prestada homenagem à Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, sendo descerrada uma lápide com os seguintes dizeres:

A' Companhia
Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro
do Teatro Nacional de D. Maria II
Homenagem do Teatro Aveirense
Novembro de 1950

Para esse efeito compareceu no palco a respectiva Direcção, sendo na presença de toda a Companhia que o presidente, sr. Egas Salgueiro, pronunciou as seguintes palavras, que deram lugar a vivos aplausos da assistência:

«Minhas Senhoras,
Meus Senhores:

Representando acontecimento notável para a vida teatral do nosso meio a passagem pelo palco do Teatro Aveirense, da Companhia Amélia Rey Colaço—Robles Monteiro, do Teatro Nacional de D. Maria II, de cujo elenco fazem parte artistas dos mais ilustres da cêna portuguêsa, não quiz a Direcção desta casa deixar de significar, publicamente, à mesma Companhia, a honra e o regozijo que lhe traz a sua presença, sentimentos que são partilhados entusiasticamente pelo selecto público aqui presente.

Para comemorar facto tão invulgar e patentear, ao mesmo tempo, a tão ilustre conjunto de valores, o seu reconhecimento e as suas homenagens, a Direcção desta casa vai fazer colocar no seu salão de festas, uma placa com a notícia e lembrança da sua passagem pelo palco do Teatro Aveirense.

Minhas Senhoras,
Meus Senhores:

Dentre tão distintos artistas, que compõem esta Companhia, um nome existe que é glória e brilho do teatro português. Tão notável artista, que nos tem dado noites inesquecíveis, desde os tempos saudosos da opereta—em que tão bem firmou a sua alta personalidade—à fase mais recente do drama e da comédia—em que continua a realçar as invulgares qualidades de grande actriz—merece o nosso culto mais sincero e a nossa maior admiração.

A Direcção do Teatro Aveirense, por meu intermédio, apresenta-lhe os seus mais respeitosos cumprimentos e louva-se por ver o ambiente do seu palco enriquecido em mérito, avolumado em prestígio, iluminado de talento com a presença de tão extraordinária e querida artista.

Refiro-me à muito eminente actriz Palmira Bastos.

Mas a par de nome tão amado e respeitado da cêna portuguesa, emparceiram na nossa mesma admiração e no nosso mesmo carinho, os nomes também queridos e gloriosos dos ilustres directores da Companhia, de—Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro—a quem o teatro português tanto deve, não só pelo talento que perdulàriamente nele têm desperdiçado, como pela obra elevadamente patriótica e culturalmente extraordinária, que têm levado a cabo como concessionários do Teatro Nacional de D. Maria II, na luta persistente, honrosa e firme, simpática e útil, para repôr no lugar a que tem jus, o bom, o sério e esquecido teatro de outros tempos.

A sua actuação tem feito reviver e pairar naquele ambiente tão artístico do Teatro Nacional de D. Maria II, o espírito de artistas que foram grandes e consagrados pelo público da minha geração; saudosamente recordo os irmãos Rosas—Brazão—José Ricardo—Lucinda Simões—Adelina Abranches e Angela Pinto—para só falar dos do nosso tempo e que nos deliciaram com tantas noites de glória inesquecível na arte de bem representar.

Mas, Ex.mas Senhoras e Senhores: deixando passar este momento de dôce recordação, tão agradável ao nosso espírito, e sem querer alongar demasiadamente estas minhas modestas palavras, não posso deixar de me referir, mas sem especializar, à excelência e valor de cada uma das restantes figuras desta embaixada de bom gosto, cultura e arte. Faltar-me-iam os adjectivos com que individualmente teria de as louvar e em nada acrescentaria à justa fama que usufruem, nem a estima que lhes dedica o público exigente e culto que as acarinha e aplaude.

Para os ilustres empresários da Companhia e para todos os artistas do seu elenco vão as nossas homenagens e a nossa maior admiração.»

Procedeu ao descerramento da lápide, que é em mármore branco com letras douradas, o actor Raul de Carvalho, tendo nesse momento redobrado as manifestações de que foram alvo principalmente Palmira Bastos e Amélia Rey Colaço, a quem a menina Alda da Graça Alves entregou dois lindos ramos de cravos.

A lápide encontra-se agora no salão nobre, como recordação da passagem da Companhia pelo *Aveirense*, entre as que ali já foram colocadas de homenagem a Adelina Abranches e outra à insigne violoncelista Guilhermina Suggia, falecida recentemente.

O DEMOCRATA vende-se na *Tabacaria Veneza*, Rua Gustavo Pinto Basto—AVEIRO.

quer povo civilizado. Seria supina estultícia que eu viesse para aqui condenar a hierarquia, que é indubitàvelmente necessária, quer na vida oficial, quer na particular. Nada de confusões. Tenho por hábito escrever com clareza e desassombro, embora sem elegância e sem brilho. Condenar e procurar corrigir a paixão e o atavismo do mando não é, para quem tem a cabeça no seu lugar, querer subverter a ordem social; é combater uma doença psíquica, que, aliada à intolerância, tem sido um dos maiores flagelos da Humanidade.

O mando é lícito, e até indispensável, mas tem de ser exercido sem abusos, sem violencias inúteis e injustas, que só podem contribuir para a desorganização da gigantesca máquina social. O mando é legítimo e necessário, mas tem de ser exercido com equidade, com caridade, com amor e com uma certa dose de benovolencia, que não deslustre e rebaixe a autoridade.

O mando não pode tornar-se odioso, porque êle é um pálido reflexo do poder infinito de Deus, contanto que seja exercido por quem, só pelos seus méritos, pelas suas virtudes, esteja apto, moral e culturalmente, a representar e executar, tanto quanto possível, a vontade do mesmo Deus.

O abuso do mando não tortifica a disciplina, antes a enfraquece e apunhala. Onde há o abuso, há a injustiça. E esta só poderá criar e fomentar a disciplina, que é o maior de todos os males sociais, digam o que disserem os apóstolos de qualquer ideologia ou corrente política.

Sempre que a disciplina se encontre escalavrada pelos abusos do mando, em serviços públicos ou particulares, impõe-se o afastamento e a substituição de quem exorbitou. Só assim poderemos libertar-nos do cruel e infamante látego de certos sobas da raça branca.

Carta ao leitor desconhecido

V

Comemorou-se a semana passada o dia dos Fieis Defuntos. Dia triste, esse, em que o próprio tempo tomou parte do luto dos corações, chorando sôbre as campas floridas.

Fui ao cemitério rezar (quem é que não reza nesse dia?) Rezei pelos meus mortos e por todos os mortos em geral. Mas as minhas preces mais fervorosas dirigiram-se ao Céu numa particular intenção: pedi ao Creador por todos aqueles que passaram neste Mundo e que contribuiram para que Ele se tornasse melhor. Achas talvez um paradoxo a minha prece?

—«Já alguém contribuiu para o melhoramento deste Mundo? Se cada vez Ele está peor!»—

Ouve, leitor joven. Li há tempo um livro muito simples e interessante. E' um livro ditado por um coração bom. E esse livro ocasionou uma luta entre irmãos de raça; dessa luta o Mundo saiu melhor. O livro intitula-se *A Cabana do Pai Tomás*. E' escrito por uma americana do tempo em que no seu país existia a escravatura. Ela conta, mostrando toda a sua repugnância, como eram feitos esses negócios desprezíveis em que os homens enriqueciam, comprando e vendendo os seus semelhantes. Ao ler agora esse livro, êle parece-nos inverosímil.

Será possível que já tivesse havido tanta barbaridade?

E no entanto ela existiu.

Pessoas humanas, com sensibilidade igual à nossa, não dispunham de si e eram tratadas como os animais ou, quiçá, peor. Eram mercadoria de um comércio intenso e produtivo. E esse comércio, perante a lei dos homens, era absolutamente legal.

Graças a uma mulher, uma Mãi, o Mundo melhorou. Essa mulher olhou os seus filhos livres e os filhos dos pobres escravos. Ela podia viver com os seus filhinhos, tê-los sempre consigo, acarinhá-los. As pobres escravas, mãis como ela, viam partir os seus para onde a fantasia e a ambição do seu senhor os levavam.

E o coração dessa Mãi ditou palavras com que ela escreveu um livro... E desse livro veio o melhor Mundo...

E' um exemplo que te dou. Há milhares deles; e há pessoas que melhoram o Mundo e que nem sequer se sabe da sua existência.

Leitor joven: tu também podes contribuir para melhorar o Mundo...

Quando vires que qualquer coisa não está bem, tenta melhorá-la. Não te entregues a um pessimismo passivo, dizendo: *o Mundo cada vez está peor...*

Olha o passado e vê o que os corações bons e persistentes conseguiram. Olha o futuro e vê o que tu podes conseguir. Daqui a muito tempo o Mundo estará melhor.

O dia comemorativo dos Fieis Defuntos há-de voltar. Tudo rezará pelos que partiram. E alguém erguerá a Deus a prece: *Senhor*, eu rezo pelos que tornaram o Mundo melhor...

AMIGA DESCONHECIDA

IMPRENSA

Bélgica

Mais um número desta revista a fazer-nos lembrar um passado que não esquece fàcilmente, antes revive todas as vezes que o correio no-la entrega.

A Bélgica é um país admirável, que percorremos cheios de interesse e não nos cansa o pensamento ao revivermos as suas belezas.

Que consolo!

Tribunal do Trabalho

Anúncio

1.ª Publicação

Pelo Tribunal do Trabalho de Aveiro e no processo de execução em que é exequente a Caixa de Previdência do Pessoal das Industrias de Marcenaria, Carpintaria Mecânica e Serração de Madeiras, com sede em Lisboa, correm éditos de vinte dias contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado António Pereira Valente, residente em Sobreiro, concelho de Albergaria-a-Velha, para no prazo de dez dias, posteriores aos dos éditos, virem à dita execução deduzirem os seus direitos e requererem o que tiverem por conveniente, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Aveiro, 11 de Novembro de 1950.

O Juiz,

António A. de Oliveira Gala

Pelo chefe de Secretaria,

Rui Vicente Ferreira

Atenção para a 4.ª página

NECROLOGIA

Finou-se no último sábado, com 67 anos, o sr. padre António Estêvão da Encarnação que nesta cidade, onde nascera, disfrutava duma grande consideração e simpatia, devido à maneira como sempre se conduziu quere como sacerdote, quere como cidadão.

E' que ao seu espírito desempoeirado não interessava as crenças políticas ou religiosas dos outros e por isso tratava com toda a gente, possuindo relações de amisade em todas as camadas sociais.

O sr. padre Encarnação, como vulgarmente era conhecido, desempenhava as funções de professor de canto coral do nosso Liceu, onde agora se deve fazer sentir a sua falta, pois tanto o corpo docente como os alunos tinham pelo extinto a maior estima.

A arte musical perde também com a sua morte um elemento valioso, pois tocou em vários conjuntos onde sempre se distinguiu e muito especialmente na orquestra da *Banda Amisade*, de que fazia parte há longos anos, ou seja desde o tempo em que era dirigida pelo saudoso João Miranda.

O enterro saíu, no dia seguinte, da igreja do Carmo para o cemitério sul, incorporando-se a academia, professores, músicos e muitas outras pessoas, formando tudo extenso cortejo.

A toda a família e em especial às sr.as D. Maria da Encarnação Ribeiro Gonçalves, manipuladora dos C. T. T. e D. Deolinda Angusta Marques do Amaral, irmã do xetinto, as nossas condolências.

* * *

No Hospital da Lapa, do Porto, onde se encontrava em tratamento duma doença renal, faleceu na noite de domingo, com 47 anos, o sr. José Dias Pinheiro, gerente da sucursal da C. U. F. nesta cidade, onde também representava a Companhia de Seguros *Império*.

Activo e possuindo uma roda de amigos que muito o estimava, a notícia da sua morte, ao espalhar-se na cidade, causou desoladora impressão devido aos predicados que reunia.

O cadáver veio para cá, tendo-se realizado o enterro na terça-feira, do Bairro do Vouga, onde residia, para o cemitério de Esgueira, com grande acompanhamento.

Era natural de Valongo, deixando viuva a sr.a D. Amélia Crespo Dias e dois filhos Maria Graciette e Manuel Hernani Crespo Dias, que acompanhamos no duro golpe que acabam de sofrer.

* * *

Tendo-se agravado os seus padecimentos, também deixou o mundo, aos 71 anos, o professor jubilado sr. Manuel Domingues Vital, natural do concelho de Vagos.

Duma grande modéstia, era estremoso pela família, possuindo predicados que só lhe grangearam simpatias.

Era viuvo, pai das sr.as D. Vitalina, D. Noémia e D. Justina Domingues Vital, todas professoras, e dos srs. Arménio e Adriano Vital, tendo-se efectuado o enterro, na quarta-feira, para o cemitério central, em que se incorporaram colegas e muitas outras pessoas.

A toda a família, mas em especial à sr.a D. Justina Vital, manifestamos o nosso pesar.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, a menina Fernanda da Costa, solteira, de 22 anos, filha do sr. José da Costa; Luzia Lopes Teixeira, viuva, de 79 anos e Joana Rosa de Jesus, também viúva, de 86, e em *Mataduços*, Pedro Marques da Cunha, casado, de 73.

Câmara Municipal de Aveiro

Edital

2.a publicação

Pelo presente e outros de igual teor torna-se público que D. Ana Leite Pereira de Foyos e Freitas, residente em Lisboa, requereu a esta Câmara autorização para vender um Jazigo que possui no Cemitério Central, desta cidade, transferindo, provisòriamente e até que conclua umas obras num sarcófago, os restos mortais que ali existem, para a Capela do Cemitério.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de 20 dias, contados da 2.a publicação destes, qualquer oposição ao pedido.

Findo este prazo o pedido será deferido se se verificar não haver oposição.

Aveiro e Paços do Concelho, 26 de Outubro de 1950.

O Presidente da Câmara,

ALVARO SAMPAIO